

# Será que o entendimento nacional ainda é uma necessidade?

6lon. Brasil  
GAZETA MERCANTIL

2 - MAI 1991

Carlos Rodolfo Schneider \*

Perdemos uma década e iniciamos outra sem a certeza de uma recuperação. É de se perguntar por que outros países, menos ricos, e que enfrentavam crises internas até mais profundas do que a nossa tiveram sucesso com planos econômicos semelhantes aos que tivemos num espaço de tempo relativamente curto.

Creio que estamos sendo prejudicados no Brasil por uma infeliz combinação de fatores estruturais — oligopólios e cartéis dominando segmentos fortes da economia, gigantismo e ineficiência da máquina estatal — e culturais, falta de consciência social, fisiologismo e xenofobia, para citar os mais importantes.

Por mais bem elaborado e conduzido que seja um plano econômico, ele não trará resultados definitivos se não contar com a boa vontade e, mais, com o apoio efetivo da população em geral e dos agentes econômicos e políticos representativos.

Um plano nada mais é do que a tentativa de reorientar a economia a partir de um modelo. Acontece que um modelo sempre é uma simplificação da complexa

realidade econômica, e por isso trata apenas de uma parte das variáveis que ditam o comportamento econômico. As variáveis incontroláveis, em grande parte, dependem das vontades dos agentes econômicos.

Existem duas formas de conseguir essa boa vontade: 1) um inimigo externo ameaçador, que normalmente faz desaparecer diferenças internas, como, por exemplo, uma profunda crise de energia ou uma guerra envolvendo o país; 2) um entendimento nacional sério.

A primeira alternativa aglutina mais facilmente as forças internas, mas em contrapartida exige sacrifícios maiores da população em virtude dos custos gerados pela própria ameaça externa. Além disso, é uma variável pouco controlável, que não devemos desejar.

Resta-nos, portanto, a segunda alternativa. E esta depende apenas de nós mesmos. Mas requer premissas que não se têm mostrado presentes no grau necessário, nas tentativas feitas até aqui: maturidade, boa vontade e desarmamento de espíritos.

As propostas até aqui apresentadas têm sido de pouca profundidade, e até mesmo levianas, buscando

amenizar o processo recessivo sem medir os reflexos negativos sobre a inflação. Isso significa que as partes continuam querendo resolver seus problemas de curto prazo, não se importando, ao que parece, que se possam perder as frágeis conquistas já alcançadas, com o sacrifício de quase todos.

A rápida deterioração do nosso quadro econômico, pela incapacidade desse amplo entendimento, trouxe-nos, recentemente, com surpresa, um novo e forte conjunto de medidas mas é importante que retomemos imediatamente os esforços buscando um pacto social antes que a economia volte a fazer água.

Está-nos faltando um patriotismo sincero, que transforme o Brasil num país sério. Infelizmente te-

mos sido vítimas de um falso nacionalismo.

Um entendimento eficaz exige a disposição para novos sacrifícios pelas partes. Temos que empreender um esforço muito grande para vencer as forças contrárias que nos têm mantido presos a esse círculo de tentativas frustradas. E vamo-nos conscientizar de que as medidas econômicas, por mais bem elaboradas que sejam, não podem resolver a crise que enfrentamos. O entendimento e a boa vontade são fatores decisivos.

Felizmente somos um país privilegiado pela natureza e agüentaremos mais esse "round". Ou será que é isso o que atrapalha?

\* Diretor vice-presidente da Cia. Ind. H. Carlos Schneider.